Bib Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais

Seção: Artigos livres

DOI: 10.17666/bib10101/2026

Mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais: produção brasileira recente (2014-2023) e a abordagem das ciências sociais[1]

Submetido: 03/07/2024
Aceito: 11/11/2024

Leonardo Francisco de Azevedo[2]

RESUMO

Este trabalho apresenta uma revisão da produção brasileira sobre mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais na última década (2014-2023). Considerando ser um campo de estudos ainda incipiente no Brasil e fortemente interdisciplinar, objetiva-se analisar, em linhas gerais, como o tema vem sendo tratado nos estudos e publicações recentes, com ênfase nas produções das ciências sociais. Para tal, foram utilizadas como bases de pesquisa o Scielo e o banco de dissertações e teses da Capes. Foram observados, na análise, quais eram os objetos de pesquisa e suas definições teóricas, bem como as dimensões institucionais relativas aos autores e autoras. Percebeu-se uma dispersão institucional e de autoria consideráveis, que se refletiram em diferentes abordagens e temáticas, não havendo, portanto, uma definição consensual sobre mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais. Os trabalhos, contudo, apontam caminhos teóricos e analíticos para pesquisas futuras sobre o tema.

Palavras-chave: Mobilidade acadêmica internacional; Mobilidade acadêmica; Mobilidade estudantil; Mobilidade estudantil internacional; Circulação internacional de pesquisadores.

International Academic and Student Mobilities: Recent Brazilian Production (2014-2023) and the Social Sciences Approach

ABSTRACT

This paper presents an overview of Brazilian production on international academic and student mobilities over the past decade (2014 - 2023). Considering that it is still an emerging field of study in Brazil and strongly interdisciplinary, the objective is to analyze, in general terms, how the topic has been addressed in recent studies and publications, with an emphasis on social sciences productions. For this purpose, Scielo and the Capes database of dissertations and theses were used as research bases. The analysis observed the research objects and the theoretical definitions used in the studies, as well as the institutional dimensions relating to authors. A considerable institutional and authorship dispersion was noted, which was reflected in different approaches and themes, with no

1 Este estudo foi financiado pela Faperj - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/014841/2023, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

2 Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: leonardo.azevedo@ufjf.br

consensual and precise definition of international academic and student mobilities. The publications, however, point out theoretical and analytical paths for future research on the topic.

Keywords: International academic mobility; Academic mobility; Student mobility; International student mobility; International circulation of researchers.

1. Considerações iniciais

O debate sobre mobilidades acadêmicas e estudantis, de caráter internacional, não é necessariamente novo nas ciências sociais brasileiras, mesmo que sob outros termos. Thales de Azevedo (1968), ainda nos anos 60, publicou um livro dedicado a pensar sobre a "evasão de talentos" do Brasil. Na década seguinte, Schwartzman (1978) também publicou pesquisa tendo a fuga de cérebros, ou "brain drain", como tema principal. No período posterior, outros pesquisadores/as brasileiros/as se dedicaram, de alguma maneira, à temática. Afrânio Garcia (2002; 2004; 2005), por exemplo, produziu uma série de trabalhos sobre a circulação acadêmica internacional de brasileiros e latino-americanos, sobretudo no contexto francês, com ênfase principalmente nos efeitos de tal circulação na construção de agendas de pesquisa e da difusão de métodos, teorias e abordagens. Neusa Gusmão (2009; 2011), em sentido inverso, enfatizou em suas pesquisas a presença de estudantes de países africanos no Brasil e em Portugal, na interseção entre educação e migração, abrindo caminho para novas pesquisas sobre o tema no país (Mungoi, 2012; Daniel, 2013; Laier, 2014).

Destacam-se também outros trabalhos nas ciências sociais brasileiras, anteriores ou concomitantes ao período aqui analisado, como o de Guimarães (2002), sobre a presença de pesquisadores brasileiros no exterior; Balbachevsky e Marques (2009), sobre a questão de fuga de cérebros no país; Velho (2011), sobre as políticas brasileiras de formação de pessoal no exterior; Brum (2014), sobre a "Maison du Brésil", que recebe pesquisadores e estudantes brasileiros na Cidade Universitária de Paris; Ferreira (2017), sobre a presença de estudantes e pesquisadores indianos na Europa; Pinheiro (2018), sobre as políticas de cooperação internacional em ciência, tecnologia e educação entre o Brasil e o continente africano; e Carneiro *et al.* (2020), sobre a noção de diáspora brasileira de ciência, tecnologia e inovação.

Se as pesquisas sobre os efeitos e dinâmicas da circulação internacional de estudantes e pesquisadores não são algo necessariamente novo nas ciências sociais brasileiras, parece-me, contudo, que não há ainda um campo de estudos consolidado, sendo sua abordagem feita de forma dispersa por diferentes áreas e tradições. Além disso, muitos dos estudos acima apontados não recorrem à chave analítica das "mobilidades" – noção não exclusiva, mas com forte inspiração no debate proposto pelo paradigma das novas mobilidades (Sheller; Urry, 2006), cuja ênfase está na análise das práticas de mobilidade em si, e não apenas em suas causas e consequências – como, por exemplo, estão preocupados os estudos sobre "fuga de cérebros".

Parto, portanto, da hipótese de que o campo de estudos sobre mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais é ainda incipiente nas ciências sociais brasileiras.

Frente a tal pressuposto, pretendo verificar parte da produção contemporânea sobre o tema no país, tendo como recorte a década 2014-2023, com vistas a melhor compreender como o campo está configurado – em termos sobretudo de temáticas e definições conceituais. Ou seja, em todos os trabalhos aqui analisados, a ênfase está em quais foram os objetos de pesquisa e como tais fenômenos foram definidos, realizando uma espécie de "revisão sistemática qualitativa", nos termos de Grant e Booth (2009).

Para tal, o texto está estruturado em duas principais seções. A primeira apresenta a metodologia utilizada e um quadro geral da produção brasileira sobre o tema, para além das ciências sociais; e, na segunda, a ênfase está em produções da área das ciências sociais, apresentando em detalhes quais foram os trabalhos analisados e suas abordagens temáticas e teóricas.

2. Metodologia e produção brasileira sobre o tema

2.1 Procedimentos metodológicos

Com vistas a identificar as publicações referentes ao tema no período destacado (2014-2023)[3], utilizei, como método de pesquisa, os descritores "Mobilidade estudantil", "Mobilidade estudantil internacional", "Mobilidade acadêmica" e "Mobilidade acadêmica internacional", em duas das principais bases de publicações no país: a *Scientific Electronic Library Online* (Scielo)[4], como uma das principais bases de artigos de revistas bem avaliadas na área de ciências humanas e sociais no país; e o banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)[5], por concentrar todos os trabalhos decorrentes de pesquisas de mestrados e doutorados no país. Os critérios utilizados para a escolha dessas bases são o reconhecimento delas como importantes repositórios de domínio nacional, localizadores de dissertações, teses e artigos relacionados às ciências humanas.

Durante as buscas, houve sobreposição de todos os trabalhos identificados pelos descritores "mobilidade estudantil" e "mobilidade estudantil internacional", o que me fez suprimir este último descritor. Outros ajustes também se fizeram necessários. Parte das dissertações e teses inicialmente localizadas não foram consideradas, por algumas razões. A primeira refere-se à identificação de 52 dissertações e teses que, apesar de terem sido localizadas pelos descritores, possuíam temas completamente diferentes aos do interesse desta pesquisa, situação percebida pela leitura do título, resumo e palavras-chave. Uma segunda razão refere-se à situação de 57 dissertações e teses que, apesar de identificadas no catálogo através dos descritores, o arquivo não estava disponível para acesso – "divulgação não autorizada" – e, portanto, não foi possível analisá-las. Por fim, 53 teses e dissertações foram localizadas por mais de um descritor. Para não haver duplicidade na

3 Um primeiro levantamento foi realizado em agosto de 2023. Em 29 de janeiro de 2024, tal levantamento foi atualizado, com vistas a incluir artigos, teses e dissertações que porventura foram inseridos nas bases durante o segundo semestre de 2023.

4 Disponível em: https://scielo.org/. Acesso em: 29 jan.2024.

5 Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 29 jan.2024.

contagem, utilizei como critério categorizar os documentos a partir da seguinte ordem dos descritores: "mobilidade acadêmica internacional", "mobilidade acadêmica" e "mobilidade estudantil". Critério idêntico foi utilizado em relação aos artigos identificados em duplicidade no Scielo.

Como resultado final do levantamento acima descrito, foram identificados 35 artigos, 85 dissertações e 31 teses[6], num total de 151 documentos, conforme apresentado abaixo.

2.2 Resumo sobre o quadro da produção sobre o tema no Brasil - 2014-2023

Sistematizei, no quadro 1, o número de publicações por ano, com vistas a observar se houve aumento no número de produções sobre o tema no país.

Quadro 1 - Número de publicações por ano.

Ano	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	Total
Publicações	8	8	16	12	23	37	21	11	13	2	**151**

Fonte: Elaboração própria com base no Scielo e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Percebe-se que os anos de 2018, 2019 e 2020 foram os que tiveram maior número de produções sobre a temática. Uma das primeiras hipóteses levantadas, a partir de tais dados, é que este período de maior número de publicações (2018-2020) coincide com as primeiras publicações relativas à avaliação do "Ciência sem Fronteiras", robusto programa do Governo Federal para o envio de aproximadamente 101 mil estudantes brasileiros para o exterior. O programa iniciou em 2011 e grande parte de suas atividades se encerrou até 2017, período que coincide com o das publicações aqui retratadas. Avaliarei se existe ou não tal relação a partir das publicações na área de ciências sociais, na próxima seção.

A partir deste número total de trabalhos, realizei uma classificação dos artigos, dissertações e teses por descritores e áreas de conhecimento. Utilizei, como referência, as áreas estabelecidas pela Capes e as classificações utilizadas pelo QualisCapes para classificação dos periódicos e dos programas de pós-graduação, disponíveis na Plataforma Sucupira[7]. Do total de 151 publicações, 80 delas, ou seja, aproximadamente 53%, eram da área de Humanas, seguidas por "Linguística, Letras e Artes" (27 trabalhos), "Sociais aplicadas" (22 trabalhos) e "Multidisciplinar" (13 trabalhos). Essas quatro áreas concentraram 142 do total de trabalhos identificados, aproximadamente 94% do total. Apesar da forte produção na grande área de "Ciências Humanas", é necessário compreender como os trabalhos se dividem por área de conhecimento, como apresentado no quadro 2.

6 Por se tratar de um banco de dados em constante atualização, optei por considerar todo o material identificado na pesquisa realizada até 29/01/24, sem nenhum outro tipo de pesquisa ou atualização adicional realizada posteriormente.

7 Disponível em: <https://sucupira-v2.capes.gov.br/sucupira4/> e <https://qualis.capes.gov.br/sucupira/public/ consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em 15 mar. 2024.

Quadro 2 – Número de publicações por descritor, tipo e áreas das Ciências Humanas.

Ciências Humanas[8]	Mobilidade acadêmica internacional			Mobilidade acadêmica			Mobilidade estudantil			Total
	Artigos	Dissertações	Teses	Artigos	Dissertações	Teses	Artigos	Dissertações	Teses	
Antropologia/ Arqueologia	–	1	–	1	–	–	1	1	–	**4**
Ciência Política e Relações Internacionais	–	–	1	–	–	–	–	–	–	**1**
Educação	6	16	6	7	11	2	5	4	4	**61**
Psicologia	–	1	–	–	–	–	–	1	–	**2**
Sociologia	2	2	1	3	1	1	2	–	–	**12**
TOTAL	**8**	**20**	**8**	**11**	**12**	**3**	**8**	**6**	**4**	**80**

Fonte: Elaboração própria com base no Scielo e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Percebe-se, pelo quadro acima, a hegemonia da área da Educação nas produções sobre o tema. Das 80 produções, 61, ou seja, aproximadamente 76% do total produzido, foram publicadas em revistas na área da Educação ou produzidas em Programas de Pós-Graduação da área. Logo depois vem a Sociologia, com 12 produções, a Antropologia/ Arqueologia com quatro, a Psicologia com duas e a Ciência Política e Relações Internacionais com uma. Considerei, para essa análise, as áreas de "Antropologia/Arqueologia", "Ciência Política e Relações Internacionais" e "Sociologia" como compondo as Ciências Sociais, com um total de 17 produções (nove artigos, cinco dissertações e três teses) no período. Também considerei oito dissertações e duas teses da área Multidisciplinar, oriundas de programas de pós-graduação registrados na área de avaliação da Capes "Interdisciplinar (Área básica: Sociais e Humanidades)"[9]. Sendo assim, teremos como objeto de análise um total de 27 produções sobre o tema (nove artigos, 13 dissertações e cinco teses). Na próxima seção apresentarei com mais detalhes os principais temas e referências contidos nessas produções.

3. Produções sobre o tema nas ciências sociais brasileiras

Inicio esta seção apresentando em detalhes os 27 textos selecionados para análise. Um primeiro aspecto a se destacar é que, dentre o total de 31 autores e autoras (três artigos contam com coautores), há sobreposição de apenas um autor em mais de um deles (um artigo e uma tese), o que demonstra que a produção sobre o tema no país, apesar do número reduzido, não é concentrada em poucos pesquisadores. Outro aspecto a se destacar é que, entre os artigos, um é de autoria de uma pesquisadora estrangeira, que participou de um dossiê organizado sobre internacionalização da educação superior por um

8 Não estão aqui representadas as áreas de Ciências da Religião e Teologia, Filosofia, Geografia e História, por não constarem nenhuma publicação na área.

9 Sobre os outros três trabalhos da grande área "Multidisciplinar", dois estão na área "Ensino" e um na área "Interdisciplinar (área básica: Engenharia/Tecnologia/Gestão)".

periódico brasileiro, e outro de uma pesquisadora brasileira sediada em uma instituição estrangeira, em coautoria com uma pesquisadora sediada no Brasil. No quadro 3 apresento em detalhes os artigos analisados.

Quadro 3 – Artigos analisados.

Ano	Título	Autor/a	Instituição Autor/a	Local de publicação/ Referência
2015	Notas sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior	Carlos Benedito Martins	Universidade de Brasília	Caderno CrH, Salvador, v. 28, n. 74, Maio/Ago. 2015, p. 291-308.
2016	Mulheres sem fronteiras? uma análise da participação das mulheres no programa Ciência sem Fronteiras da Unicamp: motivações, desafios e impactos na trajetória profissional	Rebeca Buzzo Feltrin/ Janaina Oliveira Pamplona da Costa/ Léa Velho	Universidade Estadual de Campinas	Cadernos Pagu, Campinas, n.48, 2016, e164804.
2017	Considerações sobre dinâmicas educacionais em tempos de transnacionalização chinesa	Cristina Patriota De Moura	Universidade de Brasília	Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 89-121, set./dez. 2017
2017	A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos de pesquisadores brasileiros	Maria Luiza de Santana Lombas	Universidade de Brasília	Sociologias, Porto Alegre, ano 19, n. 44, jan./abr. 2017, p. 308-333
2018	Argentinos à brasileira. a circulação de antropólogos argentinos pelo museu nacional (PPGAS-MN/UFRJ)	Nicolás José Isola	Universidade Estadual de Campinas	MANA, v. 24, n.2, 2018, p. 68-108.
2019	O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal	Juliana Chatti Iorio/ Silvia Garcia Nogueira	Universidade de Lisboa/ Universidade Estadual da Paraíba	REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 27, n. 56, ago. 2019, p. 197-215.
2020	The internationalization of higher education scrutinized: international program and provider mobility	Jane Knight	University of Toronto	Sociologias, Porto Alegre, ano 22, n. 54, maio-ago. 2020, p. 176-199.
2021	Desigualdade de acesso ao programa Ciência Sem Fronteiras: uma interlocução com a perspectiva dos estudos de gênero	Catarina Barbosa Torres Gomes	Centro Federal de Educação e Tecnologia de Minas Gerais	Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.29, n.1, e66177.
2022	Cosmopolitismo, práticas de mobilidade e juventude: a experiência do intercâmbio acadêmico entre universitários brasileiros	Leonardo Francisco de Azevedo/ Rogéria Campos de Almeida Dutra	Universidade Federal de Juiz de Fora	Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v.12, n. 01, jan.-abr. 2022, p. 187–210.

Fonte: Elaboração própria com base no Scielo.

Percebe-se, pelo quadro acima, que o primeiro artigo publicado foi no ano de 2015 e o último em 2022, tendo uma distribuição relativamente homogênea nos anos analisados. Percebe-se também que, dos nove artigos aqui destacados, três são de pesquisadores

que à época estavam vinculados à Universidade de Brasília (UnB), e outros dois à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tal situação pode indicar que estas instituições priorizem pesquisas sobre o tema, fator a se verificar nas outras produções.

Quadro 4 – Dissertações analisadas

Ano	Título	Autor/a	Instituição	Programa de Pós- Graduação	Orientador/a principal
2014	Estudantes guineenses na universidade federal de Uberlândia: sociabilidade e identificações em terras do além-mar	Maria Denize Santos Peixoto	Universidade Federal de Uberlândia	Ciências Sociais	Márcio Ferreira de Souza
2014	Internacionalização da educação superior e o programa ciência sem fronteiras: um estudo na Universidade Federal Fluminense	Noelia Cantarino Da Costa	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Políticas Públicas e Formação Humana	Raquel Villardi
2015	Estudantes africanos na UFSC: (des)encantos extramuros na jornada acadêmica	Juliana Akemi Andrade Okawati	Universidade Federal de Santa Catarina	Antropologia Social	Ilka Boaventura Leite
2015	Mobilidade estudantil: relações Brasil no Mercosul	Ana Clara Carvalho Machuca Voigt	Universidade Estadual de Montes Claros	Desenvolvimento Social	Andréa Maria Narciso Rocha de Paula
2016	A internacionalização do ensino superior: estudo de caso sobre a mobilidade internacional de estudantes de graduação da Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus de Franca, no período de 2003 a 2014	Orlinéya Maciel Guimarães	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"	Planejamento e Análise de Políticas Públicas	Paula Regina de Jesus Pinsetta Pavarina
2018	Internacionalização e mobilidade estudantil: o programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Estadual de Campinas	Cintia Denise Granja	Universidade Estadual de Campinas	Política Científica e Tecnológica	Ana Maria Alves Carneiro da Silva
2018	Dilemas na implementação do programa Ciência sem Fronteiras: análise do perfil socioeconômico dos acadêmicos do campus da UFSC.	Karen Lucia Martinez	Universidade Federal de Santa Catarina	Sociologia Política	Tiago Daher Padovezi Borges
2019	Dimensões internacionais da prática científica e a formação de um campo sociológico nacional	Edmar Machado Braga Filho	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sociologia e Antropologia	Eloísa Martín
2019	Doutorado sanduíche: a experiência da engenharia da Unicamp na década de 2010	Andressa Bones Flores	Universidade Estadual de Campinas	Política Científica e Tecnológica	Janaina Oliveira Pamplona Da Costa

Continua...

Ano	Título	Autor/a	Instituição	Programa de Pós- Graduação	Orientador/a principal
2019	Política de internacionalização científica no brasil: um estudo do programa Ciência sem Fronteiras na UFPR	João Rafael Da Costa Magalhães	Universidade Federal do Paraná	Políticas Públicas	Marcos Paulo Fuck
2020	Efeitos das políticas de internacionalização sobre a produção científica: estudo de caso do Programa de Pós-graduação em Ciências (Bioquímica) da Universidade Federal do Paraná.	Klarissa Valero Ribeiro Saes	Universidade Federal do Paraná	Políticas Públicas	Noela Invernizzi
2020	A educação como política fundamental na integração regional do Mercosul	Nicole Marie Trevisan	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Direitos Humanos e Políticas Públicas	Luís Alexandre Carta Winter
2022	Mobilidade acadêmica: uma análise a partir de uma universidade internacional	Calilo Fati	Universidade Federal do Ceará	Sociologia	Danyelle Nilin Gonçalves

Fonte: Elaboração própria com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Em relação às dissertações acima elencadas, percebe-se que apenas nos anos de 2017, 2021 e 2023 não houve nenhum trabalho defendido, o que, como nos artigos, demonstra uma certa constância em produções sobre o tema. Além disso, destaca-se que, das 13 dissertações, duas foram defendidas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), duas na Unicamp e duas na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entre estas instituições, contudo, apenas na Unicamp e na UFPR as dissertações foram defendidas nos mesmos Programas.

Quadro 5 – Teses analisadas

Ano	Título	Autor	Instituição	Programa de Pós- Graduação	Orientador/a principal
2018	O papel do Programa de Estudantes-convênio de Pós-Graduação na cooperação educacional brasileira	Antonio Ferreira de Lima Junior	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Relações Internacionais	Danny Zahreddine
2018	Mobilidade acadêmica como instrumento soft power: a experiência dos USA, Brasil e México	Joana Ribeiro de Abreu	Universidade de Brasília	Estudos Latino--Americanos	Luiz Guilherme de Oliveira
2019	A internacionalização do ensino superior no brasil por meio da ação da Capes: a cocriação do programa Capes-Print	Cyntia Sandes Oliveira	Universidade de Brasília	Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional	Doriana Daroit

Continua...

Ano	Título	Autor	Instituição	Programa de Pós- Graduação	Orientador/a principal
2020	Mulheres colombianas, amor, viagens e migrações. Intimidade no âmbito da mobilidade feminina transnacional qualificada	Carol Pavajeau Delgado	Universidade Estadual de Campinas	Ciências Sociais	Adriana Gracia Piscitelli
2022	"Cérebros" brasileiros pelo mundo: mobilidade acadêmica, carreiras científicas e internacionalização da ciência nacional	Leonardo Francisco de Azevedo	Universidade Federal de Juiz de Fora	Ciências Sociais	Rogéria Campos de Almeida Dutra

Fonte: Elaboração própria com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Entre as cinco teses aqui analisadas, destaca-se que a primeira publicação ocorreu apenas em 2018, sendo duas teses defendidas no ano. Já em 2019 e 2020, tivemos outra tese em cada ano e, em 2022, mais duas. Sobre as instituições, destacam-se novamente a UnB, com duas teses defendidas em Programas distintos, e a Unicamp, com uma tese defendida em um programa distinto ao que teve as dissertações realizadas no mesmo período. Destaca-se que apenas um dos cinco Programas com teses no tema é de uma área em específico (Relações Internacionais), enquanto todas as outras ou são de "Ciências Sociais" ou "Multidisciplinar", o que pode ser indicativo de uma abordagem menos restritiva disciplinarmente em relação ao tema.

No que se refere às orientações das teses e dissertações, destaquei essa informação com vistas a compreender se havia algum pesquisador ou pesquisadora de referência, responsável por orientar grande parte das pesquisas recentes sobre o tema. Percebe-se, contudo, que não houve nenhum trabalho com o mesmo orientador. Ou seja, para as 13 dissertações e cinco teses, houve 18 diferentes orientações. Grau de dispersão semelhante é observado em relação às instituições. Das 27 produções, temos UnB e Unicamp como as que possuem maior número de trabalhos (cinco cada), seguidas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), UFSC e UFPR (dois trabalhos cada). As outras instituições registraram apenas um trabalho no período retratado. UnB e Unicamp se destacam, portanto, como as principais instituições com estudos sobre o tema, mesmo não havendo concentração em pesquisadores e/ou programas de pós-graduação em específico. Tais elementos demonstram, portanto, o grau de dispersão dos estudos sobre o tema no Brasil, ou seja, parece que não há nas ciências sociais brasileiras nenhum centro ou pesquisador de referência capaz de aglutinar jovens pesquisadores sobre o tema, o que explica a diversidade institucional e de orientações nas pesquisas recentes no país.

Após apresentar o quadro geral sobre as publicações sobre mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais nas ciências sociais brasileiras, avanço para a análise do conteúdo de tais publicações. Tal análise terá duas frentes: uma sobre quais foram os objetos de análise destas pesquisas e outra referente aos enquadramentos teóricos por elas utilizados. Pretendo, com tais recortes, observar quais as convergências e divergências nas abordagens temáticas e teóricas das pesquisas, bem como suas características e diversidade.

3.1 Objetos/temas de análise[10]

No que se refere aos objetos de análise dos textos aqui analisados, percebe-se que há, de início, duas ênfases distintas. Uma delas destinada ao desenho e avaliação de políticas públicas (14 trabalhos); e a outra com ênfase nos sujeitos que praticaram mobilidade acadêmica ou estudantil internacional (dez trabalhos). Cabe destacar que estes dois enquadramentos não são excludentes. Alguns dos estudos com ênfase nos sujeitos em mobilidade tratam também sobre as políticas que permitiram seus deslocamentos, assim como estudos cuja atenção está sobre a implementação e execução das políticas recorrem também às experiências dos sujeitos contemplados. A distinção aqui realizada, portanto, está mais no recorte de análise. Uma terceira ênfase, contudo, também se fez presente. Trabalhos e pesquisas que, ao invés de se dedicarem à análise de determinada política pública ou determinado grupo em deslocamento, se dedicaram a pensar teoricamente tais práticas de mobilidade, pensando em dimensões mais amplas, seja por revisão de literatura, seja por análises geopolíticas (três trabalhos). Apresento com mais detalhes essas diferentes abordagens.

3.1.1 Ênfase no desenho e avaliação de políticas públicas

Entre os 27 trabalhos analisados, 14 deles (52%) se dedicaram a analisar alguma política em especial, sendo o Programa "Ciência sem Fronteiras" (CsF) o campeão, com seis trabalhos dedicados à sua análise o que ratifica nossa hipótese inicial de que o período analisado coincidiu com a execução e encerramento do Programa. Sobre esses trabalhos, destaco inicialmente o trabalho de Costa (2014), que teve como objetivo investigar a internacionalização da educação superior do Brasil através do CsF, analisando tanto a criação do Programa como sua implementação na Universidade Federal Fluminense (UFF), através de seus gestores e dos estudantes participantes do primeiro edital da instituição. A estratégia de investigar a implementação do Programa a partir de casos específicos também foi utilizada por Martinez (2018), que analisou a experiência da UFSC, com ênfase no grupo socioeconômico de estudantes que participaram do programa na instituição. Granja (2018) buscou compreender os efeitos institucionais do CsF na Unicamp, analisando como o Programa se inseriu na estratégia de internacionalização da universidade e seus desdobramentos. E Magalhães (2019) analisou o CsF a partir do curso de engenharia civil da UFPR, responsável por enviar o maior número de estudantes para o exterior.

Se parte dos trabalhos se dedicou a pensar o CsF a partir de contextos institucionais específicos, outros estudos tiveram como preocupação a questão de gênero no Programa. Feltrin, Costa e Velho (2016), a partir de dados oficiais e questionário, analisaram a experiência das estudantes mulheres da Unicamp no CsF, compreendendo, a partir do perfil socioeconômico dessas alunas, quais fatores podem ter sido relevantes para garantir a participação delas. Já o artigo de Gomes (2021) analisou a participação, no CsF, das alunas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), observando a predominância de homens

10 Em relação à identificação do objeto/temas de análise, tal classificação foi realizada a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave das obras selecionadas.

contemplados com as bolsas do Programa, mesmo as mulheres sendo maioria entre os estudantes da Universidade.

Em relação às outras políticas analisadas, Lima Junior (2018) investigou o papel do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) – programa brasileiro que oferece vagas para estudantes estrangeiros cursarem pós-graduação no Brasil, sobretudo latino-americanos e africanos –, no campo da política externa brasileira, através das práticas de cooperação educacional internacional. Abreu (2018) também utilizou o PEC-PG para pensar as possíveis associações entre mobilidade acadêmica internacional e a formação de soft power, no Brasil e no México. Para tal, comparou esse programa com o "Becas de Excelencia del Gobierno de México para Extranjeros", também destinado a receber estudantes estrangeiros. Já Oliveira (2019), em sua tese, investigou o Capes-PrInt, um programa relativamente recente da Capes – criado em 2016. A autora se dedicou a compreender o processo de elaboração e implementação do programa, em suas diferentes dimensões, pontuando que essa política poderia representar uma certa mudança na abordagem da internacionalização no país, pois ia além da mobilidade acadêmica. E Flores (2019) analisou as dinâmicas de distribuição e funcionamento da modalidade de bolsa "doutorado-sanduíche"[11] nos Programas de Pós-Graduação das Engenharias da Unicamp.

Em análises de políticas ainda mais específicas, destaca-se o trabalho de Guimarães (2016) sobre a internacionalização através dos aspectos normativos, estruturais e quantitativos de uma política de mobilidade internacional para estudantes de graduação da Unesp; e a pesquisa de Saes (2020), cuja análise se centrou nas políticas de internacionalização de um programa de pós-graduação da UFPR.

Em relação aos trabalhos com análises mais amplas, com enquadramentos transnacionais, destaca-se o trabalho de Voigt (2015), sobre as legislações brasileiras e estrangeiras relativas ao reconhecimento, no Brasil, de diplomas obtidos nos países do Mercosul; e a dissertação de Trevisan (2020) sobre o processo de integração regional promovido pelo Mercosul, através de seu "Setor Educacional", com a promoção de mobilidade de estudantes, acadêmicos, técnicos e profissionais, bem como facilitações burocráticas e institucionais para estas práticas.

3.1.2 Ênfase nos sujeitos que realizam a mobilidade acadêmica e estudantil

Se os trabalhos acima apresentados enfatizam as dimensões institucionais, legislações e elaborações relativas às políticas públicas responsáveis por promover práticas de mobilidade acadêmica e estudantil internacionais, os 10 trabalhos que agora serão apresentados (37% do total) estão mais preocupados com as pessoas contempladas por tais políticas, a partir de dois recortes distintos: brasileiros que foram para o exterior e estrangeiros que vieram para o Brasil.

Sobre brasileiros no exterior, destaco inicialmente o trabalho de Lombas (2017). Fruto de sua tese de doutorado, investigou brasileiros de algumas áreas que realizaram doutorado-sanduíche, doutorado pleno e pós-doutorado no exterior, buscando traçar as

11 Modalidade de bolsa de agências brasileiras que permite que pesquisadores de pós-graduação no Brasil possam realizar parte de sua pesquisa no exterior, usualmente entre seis meses a um ano.

características que compunham tal grupo e o destino depois da formação, observando as semelhanças e diferenças por área. Já Azevedo[12] e Dutra (2022) se dedicaram a observar a experiência de estudantes universitários brasileiros de graduação em períodos de média duração no exterior, contemplados com bolsas de programas de intercâmbio da própria instituição no Brasil. E Azevedo (2022), em sua tese, dedicou-se a compreender a experiência de pesquisadores brasileiros que, através de bolsa de uma agência brasileira de fomento à pesquisa, realizaram doutorado completo no exterior e depois são obrigados a retornar para o país e ficar por aqui pelo menos pelo mesmo período que estiveram no exterior. Por fim, Iorio e Nogueira (2019) pesquisaram estudantes brasileiros e timorenses em Portugal, compreendendo as dificuldades daquele país em acolher esses estudantes internacionais, mesmo compartilhando, em tese, a mesma língua.

Em relação a estudantes estrangeiros no Brasil, Peixoto (2014) analisou as experiências de estudantes da Guiné-Bissau que, através do Programa de Estudantes Convênios de Graduação (PEC-G), fizeram sua graduação na Universidade Federal de Uberlândia; Okawati (2015) também analisou a experiência de estudantes de graduação oriundos de países do continente africano contemplados pelo PEC-G, mas em Florianópolis/SC; e Fati (2022) se dedicou a analisar como estudantes guineenses e suas famílias construíram o projeto de estudar no Brasil, especificamente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Por fim, Isola (2018) analisou as dinâmicas da circulação de antropólogos argentinos no Brasil, através da realização de pós-graduação em antropologia social no Museu Nacional/UFRJ.

Houve, contudo, estudos que não necessariamente tiveram o Brasil como referência. Patriota de Moura (2017) analisou a experiência de estudantes chineses nos Estados Unidos; e Delgado (2020) analisou "trajetórias afetivas e da mobilidade transnacional" de mulheres colombianas por diferentes lugares, interessada em como se situa o "amor", bem como os afetos e intimidades nessas experiências.

3.1.3 Outras abordagens sobre o tema

Os outros três trabalhos (11% do total) se dedicaram ou a discussões teóricas, ou a pensar dimensões institucionais ou de campo disciplinar no Brasil pelas chaves da mobilidade acadêmica ou estudantil. O trabalho de Braga Filho (2019), por exemplo, dedicou-se à análise da formação do campo sociológico nacional a partir de influências internacionais, através das práticas de mobilidade, políticas de cooperação, de internacionalização e publicações em periódicos estrangeiros. Já Martins (2015) abordou como o fenômeno da globalização tem impactado o ensino superior, configurando-se de forma cada vez mais relacional com o mundo e menos pautado em dinâmicas nacionais; e Jane Knight (2020) discute as diferentes modalidades de internacionalização da educação superior e suas mudanças no cenário contemporâneo.

12 Optei por fazer as referências relativas às produções de minha autoria também em terceira pessoa, com vistas a manter o padrão textual adotado em todo o artigo.

3.2 Enquadramentos teóricos[13]

Se acima foram apresentados os objetos e temas de análise das produções aqui analisadas, pretendo agora compreender os enquadramentos e definições teóricas sobre o tema. Ou seja, como as mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais foram definidas por tais trabalhos. Não foram observadas grandes definições consensuais, que se repetiram nas diferentes publicações. Houve também trabalhos que utilizaram tais noções como conceitos autoexplicativos, sem entrarem em discussões relativas à sua definição.

Sobre esse último aspecto, destaco o trabalho de Okawati (2015), que usou apenas o termo "mobilidade estudantil", mas sem defini-lo em separado. Afirma apenas que o "deslocamento" de jovens africanos para o Brasil, através do PEC-G, poderia ser "entendido como uma mobilidade específica" (p. 20). Já Isola (2018) lança mão de "mobilidade estudantil", associando-a a "trocas internacionais", "viagens como estratégia de distinção" e "internacionalização da educação superior", sendo que seu artigo trata apenas da circulação de estudantes de pós-graduação argentinos para o Brasil. Trevisan (2020) usa o termo "mobilidade" e "mobilidade acadêmica" muitas vezes, com vistas a descrever uma série de políticas e medidas existentes que fomentem a prática de circulação internacional; e Braga Filho (2019) utiliza recorrentemente o termo mobilidade e mobilidade internacional, usando raramente o termo "mobilidade acadêmica" e não utilizando o termo "mobilidade estudantil". O autor também utiliza o termo "mobilidade internacional de pessoal altamente qualificado" e faz uma análise densa sobre as diferentes dimensões e impactos da mobilidade internacional para o campo sociológico nacional, sem necessariamente apresentar uma definição específica.

Costa (2014) destaca um tópico específico em sua dissertação para tratar da "mobilidade acadêmica", mas sem apresentar uma definição para o termo – como, por exemplo, propôs para "internacionalização". Para a autora, contudo, a mobilidade internacional de pesquisadores e estudantes é a face mais visível do contexto de globalização e internacionalização da educação superior e que o "Ciência sem Fronteiras é um programa de mobilidade acadêmica internacional" (Costa, 2014, p. 50). Os termos "mobilidade acadêmica" e "mobilidade estudantil", nesse trabalho, são utilizados como sinônimos. Esse é inclusive um aspecto observado em muitos dos trabalhos aqui analisados. Mobilidade estudantil e mobilidade acadêmica são tratadas como sinônimos, sendo utilizadas sem uma definição exata e de forma intercalada em diferentes trabalhos, como em Martins (2015) e Lombas (2017). Peixoto (2014) também utiliza "mobilidade acadêmica" e "mobilidade estudantil" como sinônimos e afirma que "não é fenômeno atual: é prática que remonta ao pré-surgimento das universidades" (p. 18). Além disso, aponta que "os processos de mobilidade acadêmica abrangem trocas culturais, científicas e universitárias" (p. 29).

Guimarães (2016) utiliza o termo "mobilidade acadêmica internacional", aplicando-o também a estudantes de graduação, tratando-o como "uma das manifestações do processo

13 Em relação à identificação e classificação dos enquadramentos teóricos, para além da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, foi feito, adicionalmente: em relação aos artigos, leitura em sua totalidade; em relação às teses e dissertações, foram lidos sobretudo as discussões teóricas e todos os outros trechos das obras em que foram identificados os descritores "mobilidade acadêmica", "mobilidade acadêmica internacional" e "mobilidade estudantil".

de internacionalização" (Guimarães, 2016, p. 21), e utiliza também "mobilidade estudantil" como sinônimo. De forma semelhante, Saes (2020) define claramente o que se compreende por internacionalização, por meio de literatura específica. Nessa discussão, a "mobilidade de alunos e professores" – termo usado com mais frequência pela autora do que "mobilidade acadêmica" ou "mobilidade estudantil" – é apresentada como uma das principais dimensões do que se compreende por internacionalização, mas sem uma definição em separado.

Se em alguns trabalhos não houve esforço explícito em buscar uma definição exata sobre os tipos de mobilidade aqui retratados, em outros houve tal empreendimento, mesmo sem avançar numa distinção evidente entre elas – estudantil e acadêmica. Fati (2022), por exemplo, utiliza mobilidade acadêmica e estudantil como sinônimos, mas apresenta uma definição mais geral sobre "mobilidade acadêmica internacional", a partir de um relatório da Unesco, definindo-a "como a migração de pessoas para outro país com residência temporária para fins de estudo" (Fati, 2022, p. 91). Já Granja (2018, p. 28) apresenta a definição de "mobilidade estudantil" elaborada por Junor e Usher (2008), que a descreve como a mobilidade que acontece dentro de um programa estudantil após o ensino secundário, quando pessoas saem de seu país de origem para estudar em outro lugar. A autora privilegia o termo "mobilidade estudantil" em toda a dissertação, mas também utiliza, em alguns momentos, a definição "mobilidade estudantil e acadêmica".

Já Magalhães (2019, p. 39) define "mobilidade acadêmica internacional" como "a realização de estudos, estágios, pesquisas ou treinamentos em universidades e institutos de pesquisa no exterior". O interessante é que o autor continua sua definição afirmando que "a mobilidade acadêmica internacional ou mobilidade estudantil permite a transferência para um ambiente diferente, onde estudantes ou pesquisadores podem entender as conexões entre o ambiente local em que vivem e o ambiente global". O autor, portanto, ao utilizar o conectivo "ou", aponta que mobilidade estudantil e mobilidade acadêmica podem ser compreendidas como sinônimos. Por fim, também lança mão da mesma definição de Junor e Usher (2008) apresentada por Granja (2018).

Iorio e Nogueira (2019) também lançam mão dos conceitos de "mobilidade acadêmica" e "mobilidade estudantil" como sinônimos. As autoras, contudo, chamam a atenção para a distinção recorrentemente feita sobre mobilidade e migração – muitas vezes dicotomizada com conotações positivas e negativas, respectivamente. Por isso, utilizam também a definição de "migração estudantil", tendo como referência pessoas que saem de seu país de origem para estudar no exterior e por lá permanecem por mais de 3 meses e, por isso, seriam consideradas migrantes. Gomes (2021), também a partir da chave mobilidade/migração, define mobilidade acadêmica "como um fenômeno que ocorre em períodos de tempo relativamente mais curtos do que os de outros fluxos migratórios, e não seria, a priori, motivada por questões econômicas, mas por decisões pessoais que envolvem os aspectos socioculturais e condições de ensino" (p. 3). A autora também trata "mobilidade estudantil" e "mobilidade acadêmica" como sinônimos, utilizando por vezes o termo "mobilidade estudantil acadêmica".

Martinez (2018), a partir de diferentes referências, nos apresenta algumas definições sobre mobilidade – também sem distinguir e utilizando como sinônimos "mobilidade

acadêmica" e "mobilidade estudantil". Dentre as várias definições apresentadas, destaca-se a compreensão da mobilidade como "uma estratégia que abrange a contingência do aprendizado de outro idioma, a inserção em outro mundo e o convívio numa outra cultura" (p. 17), como também uma "forma de transferência de conhecimento de uma maneira vertical, cujos vetores da mobilidade, da comunicação internacional e da cooperação acadêmica servem para transferir conhecimento" (p. 33). Além disso, entende-se como mobilidade também "a circulação de cientistas entre países [cujo] objetivo é o desenvolvimento de conhecimento e, com o propósito de melhores oportunidades na carreira" (p. 35). Flores (2019) também não apresenta uma única definição e utiliza outras terminologias, como "mobilidade de recursos humanos", mas destaca que o "treinamento em outro país tem sido uma prática adotada a fim de estabelecer um sistema de formação de pesquisadores e a maioria dos países desenvolvidos utiliza esse instrumento em suas políticas de internacionalização" (p. 122). Entende-se esse tipo de mobilidade aqui, portanto, como uma prática.

Patriota de Moura (2016) utiliza apenas o termo "mobilidade estudantil" em seu texto, apontando que, no caso dos estudantes chineses, a mobilidade se inicia com a saída da casa dos pais para alojamentos em escolas de ensino médio em outras cidades e regiões dentro da própria China. Apesar da ênfase da pesquisadora ser em "mobilidade estudantil internacional", aponta para a existência de práticas de mobilidade estudantil dentro de um mesmo país, quando estudantes mudam apenas de cidades e/ou regiões.

Se os trabalhos até então analisados apresentam apenas pistas ou indícios do que compreendem por mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais, sem produzir grandes distinções entre elas, outros trabalhos se dedicaram a apresentar, de forma mais sistematizada, tais definições. Oliveira (2019), por exemplo, enfatiza a discussão teórica sobre internacionalização, apontando, de forma detalhada, o papel da mobilidade acadêmica na tipologia de internacionalização que adota. Em relação à "mobilidade acadêmica" (não utiliza o termo "mobilidade estudantil"), distingue mobilidade discente e mobilidade docente, pontuando como, a depender do ator que realiza a circulação internacional, seus efeitos são distintos para as políticas de internacionalização de seus países. Diferencia também a mobilidade "de entrada" ou "de saída", ou "bilateral ou regional", referente à direção do fluxo de circulação de pesquisadores e estudantes em relação ao Brasil. Esses termos estão contidos na tipologia de internacionalização do ensino superior de Matross Helms *et al.* (2015 *apud* Oliveira, 2019) utilizada pela autora.

Voigt (2015), a partir de uma longa revisão de literatura, também apresenta uma definição precisa do que se compreende por "mobilidade estudantil", limitando-a ao ensino superior e cursos de pós-graduação *stricto sensu* e afirmando que, do ponto de vista empírico, "a mobilidade estudantil consiste na mobilidade espacial, em que aspirantes, estudantes de ensino superior ou pesquisadores se deslocam territorialmente em busca da obtenção de algum objetivo relacionado a uma conduta específica de caráter educacional" (p. 25). E conclui afirmando que esse deslocamento territorial pode se referir a uma mudança completa de país, ou por apenas determinado período de tempo. A autora inclusive faz distinção entre o que considera uma mobilidade estudantil formal – atrelada necessariamente a convênios entre instituições de diferentes países ou a programas de incentivos governamentais,

muitas vezes com financiamento, como bolsas; e uma mobilidade estudantil informal – em que o estudante se desloca por iniciativa e recursos próprios.

Abreu (2018), em uma discussão teórica mais detalhada, apresenta diferentes conceituações e demonstra como a "mobilidade acadêmica internacional" e a "mobilidade internacional de estudantes" são definidas de diferentes maneiras pela bibliografia de referência. Apesar de apontar que a definição da Unesco é usualmente a mais recorrente nos estudos da área – "período de estudos, ensino e/ou pesquisa em um país diferente do país de residência de um estudante ou de pessoal acadêmico" (Abreu, 2018, p. 86), recorre a Knight (2011 *apud* Abreu, 2018) para afirmar que "mobilidade internacional pode ser entendida como um movimento de pessoas, programas, políticas, conhecimento, ideias, projetos e serviços através das fronteiras nacionais" (Abreu, 2018, p. 86). Nessa definição, a mobilidade vai para além de indivíduos, incluindo também a mobilidade de programas e provedores. Já "mobilidade estudantil" indica "estudantes internacionais que estão tirando um grau completo no exterior ou estudantes que participam de um estudo de curto prazo, um semestre ou um ano em um programa no exterior" (p. 87). A autora afirma que o termo tem sido ampliado para estudantes que cursam programas colaborativos, com diplomas duplos, entre outras modalidades, como também aplicado a pesquisas e trabalho de campo no exterior. Para ela, contudo, a definição que melhor poderia servir para emprestar o sentido de "mobilidade acadêmica" de seu estudo foi extraída de uma entrevista realizada por Hoffman (2008, p. 9-12 *apud* Abreu, 2018, p. 84), em que afirma que "um acadêmico se sente em casa em qualquer ambiente científico" e que "mobilidade significa democracia, liberdade de expressão e pensamento, liberdade para me desenvolver como um indivíduo".

Azevedo (2022, p. 49) também faz uma distinção entre os estudos sobre "mobilidade estudantil" e "mobilidade acadêmica". Enquanto os primeiros estariam focados "sobretudo em outras dimensões que atravessam a experiência, como juventude, sociabilidade, políticas de mobilidade, etc.", os segundos focam "no que se denomina de 'migração qualificada', ou seja, pessoas com alta qualificação que se movem para outros países, organizados sobretudo pela carreira profissional – ou coincidindo-a com outros fatores, como família". O autor afirma que sua pretensão é articular essas duas vertentes, mas que seus interlocutores – estudantes brasileiros de doutorado no exterior – protagonizam um tipo de "mobilidade acadêmica".

Destacam-se também, entre os trabalhos analisados, aqueles que pensaram em termos, conceitos e definições para além dos descritores aqui destacados. Lima Junior (2018, p. 22), por exemplo, realiza esforço em definir teoricamente o termo "intercâmbio educacional internacional", utilizado para "se referir a qualquer atividade de mobilidade internacional na área da educação" (Lima Junior, 2018, p. 33). Após apresentar algumas definições de diferentes autores, indica a adoção da apresentada por Jenkins (1977, p. 1.513 *apud* Lima Junior, 2018), que define "intercâmbio educacional internacional" como "uma parceria que envolve pelo menos duas partes, o estudante requerente e a instituição anfitriã, além de uma terceira parte, geralmente um órgão governamental ou privado que provê, parcial ou totalmente, o financiamento". Neste sentido, apesar de também utilizar o termo "mobilidade acadêmica", o debate sobre "intercâmbio educacional internacional" ganha

maior atenção teórica. Preocupação semelhante é encontrada no trabalho de Azevedo e Dutra (2022), que definiram o intercâmbio de estudantes universitários como uma "prática de mobilidade transnacional [com] particularidades, sendo um tipo de deslocamento valorizado e prestigiado" (p. 187). Complementam tal definição, apontando o "intercâmbio estudantil como um tipo específico de mobilidade, produzido em determinado contexto e vinculado a um ciclo geracional específico" (p. 188). Aqui, contudo, os termos "intercâmbio estudantil", "intercâmbio acadêmico", "mobilidade estudantil" e "mobilidade acadêmica" são tratados de forma intercambiável, como tratando de um mesmo fenômeno.

Feltrin, Costa e Velho (2016, p. 4) preferiram usar o termo "mobilidade internacional", tratando-o como uma "estratégia privilegiada para desenvolver as competências necessárias para a inserção de profissionais qualificados nas redes internacionais de produção de conhecimento", que envolveria "a aquisição de uma perspectiva cosmopolita, o despertar para temas globais, o aprendizado de idiomas que, argumenta-se, têm o potencial de se tornarem vantagens competitivas em termos pessoais e, indiretamente, nacionais". E Delgado (2020) se dedicou a pensar a circulação internacional de mulheres colombianas numa chave crítica do que se denomina "migração qualificada". A autora utiliza o termo "mobilidade acadêmica" para pensar a experiência de suas interlocutoras, apontando, por exemplo, o período de duração de tais práticas, como "de longa duração", ou utilizando o termo "mobilidade acadêmica transnacional", destacando inclusive como a questão dos afetos é usualmente invisibilizada nos estudos do tema.

Por fim, o artigo de Knight (2020) se dedica a pensar de forma mais conceitual o que se entende por mobilidade acadêmica internacional. A autora afirma que há uma confusão terminológica sobre o fenômeno, apontando que muitas vezes se usam termos genéricos de forma intercambiável, mas que significam coisas diferentes. Uma das diferenciações que ela faz é entre o movimento de provedores e programas de ensino superior para além de suas fronteiras jurisdicionais nacionais, das práticas de mobilidade estudantil e acadêmica internacionais, mas o artigo avança em uma definição mais precisa e detalhada apenas do primeiro aspecto destacado.

A partir da revisão acima apresentada, percebe-se que os artigos, dissertações e teses analisadas mobilizaram diferentes perspectivas teóricas, com diferentes enquadramentos sobre como conceituar as mobilidades acadêmicas e estudantis internacionais. Destaca-se, na maioria dos trabalhos, a pouca preocupação em de fato defini-las, ou mesmo a utilização dos dois termos – acadêmica e estudantil – como sinônimos. Mas houve também elaborações mais precisas, com fortes vínculos com o debate de internacionalização da educação superior e de práticas de circulação internacional. Há, assim, um campo em aberto no que se refere à discussão e definição teórica de tais fenômenos e suas relações com outros temas que já têm um maior acúmulo teórico, como o debate sobre migração.

4. Considerações finais

Pretendi, com o presente artigo, apresentar de forma mais sistemática o debate conceitual sobre um tema que não é necessariamente novo nas ciências sociais brasileiras,

mas que não é usualmente abordado pela perspectiva das mobilidades. Para tal, analisei artigos, teses e dissertações produzidas na década de 2014-2023 no Brasil. Apesar de a maior parte das publicações ser feita no campo da Educação, há uma considerável produção pelas Ciências Sociais. Ao apresentar de forma mais detalhada esses trabalhos, foi possível observar as suas principais temáticas e definições teóricas. Tal análise, além de nos permitir compreender melhor como o tema tem sido abordado nas ciências sociais brasileiras, serve como referência para que novos estudos e pesquisas sobre as práticas de mobilidade estudantil e acadêmica internacionais sejam realizados.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a hipótese inicialmente levantada – o caráter ainda incipiente de tal discussão nas ciências sociais brasileiras – foi, de alguma maneira, verificada. Grande parte da produção sobre o tema está concentrada em outras áreas de conhecimento e não há uma definição consensual ou consistente sobre o fenômeno, haja vista a dispersão conceitual e teórica nos trabalhos aqui analisados. Além disso, observa-se também que não há nenhuma instituição ou pesquisador/a da área que concentre trabalhos sobre o tema no país, e grande parte das produções sobre o tema, nas ciências sociais, se concentra em análise de políticas públicas brasileiras de ciência e educação superior – com destaque para o "Ciência sem Fronteiras". Pode-se apontar também o caráter interdisciplinar dos programas de pós-graduação em que as teses e dissertações foram produzidas.

Reconheço, contudo, limitações na análise aqui empreendida. Pode, por exemplo, haver outros artigos sobre o tema no período analisado, mas publicados em periódicos que não estão indexados no Scielo, logo não identificados em minhas buscas. A restrição ao campo das ciências sociais também inviabilizou o diálogo com outras produções sobre o tema nas ciências humanas em geral, como, por exemplo, a produção considerável de trabalhos na área da "Educação". Ampliar o diálogo com produções internacionais sobre o tema também pode ser um caminho produtivo.

De qualquer maneira, o debate aqui apresentado foi um primeiro esforço de melhor situar e definir os diferentes termos e conceitos mobilizados para tratar das circulações internacionais de pessoas, em diferentes escalas e contextos, por razões educacionais. Se o ponto de partida foi a produção na área das ciências sociais brasileiras, trabalhos futuros que tensionem essas definições a partir de contribuições de outras áreas, ou tendo como referências outros contextos, podem contribuir para consolidar um campo de estudos de caráter fortemente interdisciplinar. Intensificar tais diálogos pode ser um caminho produtivo para elaborar novas chaves analíticas e conceituais para se pensar o fenômeno das mobilidades acadêmicas e estudantis a partir de diferentes contextos nacionais. Fica, portanto, como indicativo para novas análises possíveis de serem realizadas, com capacidade de produzir novas sínteses e interpretações que dialoguem ou contraponham os achados acima apresentados.

Referências

ABREU, J. R. de. **Mobilidade acadêmica como instrumento soft power**: a experiência dos USA, Brasil e México. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

AZEVEDO, L. F.; DUTRA, R. C. A. Cosmopolitismo, práticas de mobilidade e juventude: a experiência do intercâmbio acadêmico entre universitários brasileiros. **Sociologia & Antropologia**, v. 12, n. 1, p. 187-210, 2022. https://doi.org/10.1590/2238-38752022v1217

AZEVEDO, L. F. **"Cérebros" brasileiros pelo mundo**: mobilidade acadêmica, carreiras científicas e internacionalização da ciência nacional. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

AZEVEDO, T. **A evasão de talentos**: desafio das desigualdades. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

BALBACHEVSKY, E.; MARQUES, F. "Fuga de cerebros" en Brasil: los costos públicos del errado entendimiento de una realidad acadêmica. *In:* AUPETIT, S. D.; GÉRARD, E. (Eds.). **Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas**: perspectivas latinoamericanas. Cidade do México: Cinvestat, 2009.

BRAGA FILHO, E. M. **Dimensões internacionais da prática científica e a formação de um campo sociológico nacional**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BRUM, C. K. **Maison du Brésil** – um território brasileiro em Paris. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

CARNEIRO, A. M. *et al*. Diáspora brasileira de ciência, tecnologia e inovação: panorama, iniciativas auto-organizadas e políticas de engajamento. **Ideias**, v. 11: e020010, 2020. https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8658500.

COSTA, N. C. **Internacionalização da Educação Superior e o Programa Ciência Sem Fronteiras**: um estudo na Universidade Federal Fluminense. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DANIEL, C. **P'a crecer em La vida**: a experiência migratória de jovens peruanos no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DELGADO, C. P. **Mulheres colombianas, amor, viagens e migrações**. Intimidade no âmbito da mobilidade feminina transnacional qualificada. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

FATI, C. **Mobilidade acadêmica**: uma análise a partir de uma universidade internacional. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

FELTRIN, R. B.; COSTA, J. O. P.; VELHO, L. Mulheres sem fronteiras? Uma análise da participação das mulheres no Programa Ciência sem Fronteiras da Unicamp: motivações, desafios e impactos na trajetória profissional. **Cadernos Pagu**, v. 48, e164804, 2016. https://www.scielo.br/j/cpa/a/4YPmRD9N7h5B7VwQRKKh5mG/abstract/?lang=pt.

FERREIRA, V. K. Habitar o pós-colonial: notas sobre trajetórias e pertenças entre pesquisadores indianos na Europa. **Ilha –** Revista de Antropologia, v. 19, n. 2, p. 245-276, 2017. https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2017v19n2p245.

FLORES, A. B. **Doutorado Sanduíche**: A experiência da Engenharia da UNICAMP na década de 2010. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

GARCIA JUNIOR, A.; MUÑOZ, M. Les étudiants brésiliens en France (2000-2001). **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 145, p. 47-60, 2002.

GARCIA JUNIOR, A. *et al*. (Orgs.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

GARCIA JUNIOR, A. Circulation internationale et formation d'une "école de pensée" latino-américaine (1945-2000). **Social Science Information,** v. 44, n. 2-3, p. 521-555, 2005. https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0539018405053296.

GOMES, C. B. T. Desigualdade de acesso ao Programa Ciência sem Fronteiras: uma interlocução com a perspectiva dos estudos de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, e66177, 2011. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n166177.

GRANJA, C. D. **Internacionalização e mobilidade estudantil**: o programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Estadual de Campinas. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health information & libraries journal**, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009. https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x.

GUIMARÃES, R. A diáspora: um estudo exploratório sobre o deslocamento geográfico de pesquisadores brasileiros na década de 90. **Dados [online]**, v. 45, n. 4, p. 705-750, 2002. https://doi.org/10.1590/S0011-52582002000400006.

GUIMARÃES, O. M. **A internacionalização do ensino superior**: estudo de caso sobre a mobilidade internacional de estudantes de graduação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Franca, no período de 2003 a 2014. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho", Franca, 2016.

GUSMÃO, N. M. M. Apresentação. Dossiê Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 15-20, 2009. https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000100002.

GUSMÃO, N. M. M. "Na Terra do Outro": presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. **Dimensões**, v. 26, p. 191-204, 2011. https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2568/2064.

IORIO, J. C.; NOGUEIRA, S. G. O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal. **REMHU**: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 27, n. 56, p. 197-215, 2019. https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1097?articlesBySimilarityPage=8.

ISOLA, N. J. Argentinos à brasileira. A circulação de antropólogos argentinos pelo Museu Nacional (PPGAS-MN/UFRJ). **Mana**, v. 24, n. 2, p. 68-108, 2018. https://doi.org/10.1590/1678-49442018v24n2p068.

JUNOR, S.; USHER, A. **Student Mobility & Credit Transfer**: A National and Global Survey. Bethesda: Educational Policy Institute, 2008.

KNIGHT, J. The internationalization of higher education scrutinized: International program and provider mobility. **Sociologias**, v. 22, n. 54, p. 176-199, maio/ago. 2020. https://doi.org/10.1590/15174522-97865.

LAIER, A. C. **Ensino "além-mar"**: trajetórias e travessias de estudantes africanos no ensino superior em Juiz de Fora-MG. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

LIMA JUNIOR, A. F. **O papel do programa de Estudantes-convênio de Pós-Graduação na cooperação educacional brasileira.** Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LOMBAS, M. L. S. A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos de pesquisadores brasileiros. **Sociologias**, v. 19, n. 44, p. 308-333, jan./abr. 2017. https://doi.org/10.1590/15174522-019004413.

MAGALHÃES, J. R. C. **Política de internacionalização científica no Brasil: um estudo do Programa Ciência sem Fronteiras na UFPR.** Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MARTINEZ, K. L. **Dilemas na implementação do Programa Ciência Sem Fronteiras**: análise do perfil socioeconômico dos acadêmicos do campus da UFSC. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARTINS, C. B. Notas sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior. **Caderno CRH**, v. 28, n. 74, p. 291-308, 2015. https://doi.org/10.1590/S0103-49792015000200004.

MOURA, C. P. Considerações sobre dinâmicas educacionais em tempos de transnacionalização chinesa. **Horizontes Antropológicos**, v. 49, p. 89-121, 2017. https://journals.openedition.org/horizontes/1728.

MUNGOI, D. M. D. C. J. Ressignificando Identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **REMHU**, v. 20, n. 38, p. 125-139, 2012. https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/303.

OKAWATI, J. A. A. **Estudantes africanos na UFSC**: (des)encantos extramuros na jornada acadêmica. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, C. S. **A internacionalização do ensino superior no Brasil por meio da ação da Capes: a cocriação do Programa Capes-Print.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PEIXOTO, M. D. S. **Estudantes guineenses na Universidade Federal de Uberlândia**: sociabilidade e identificações em terras do além-mar. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

PINHEIRO, C. C. Os contornos de uma África Brasileira em Ciência e Tecnologia: Geografias Morais do Desenvolvimento e Cooperação Internacional. *In:* MARTÍN, E.; GÖEBEL, B. (Orgs.). **Desigualdades interdependentes e geopolítica do conhecimento**: negociações, fluxos, assimetrias. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

SAES, K. V. R. **Efeitos das políticas de internacionalização sobre a produção científica**: estudo de caso do Programa de Pós-graduação em Ciências (Bioquímica) da Universidade Federal do Paraná. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

SCHWARTZMAN, S. Brain drain: pesquisa multinacional. *In:* NUNES, E. O. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and planning A**, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006. https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a37268.

TREVISAN, N. M. **A educação como política fundamental na integração regional do Mercosul.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

VELHO, L. Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? **Dados** – Revista de Ciências Sociais, v. 44, n. 3, p. 607- 631, 2011.

VOIGT, A. C. C. M. **Mobilidade estudantil**: relações Brasil no Mercosul. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS.